De Diego Pinheiro

Sobre os Palhaços na Varanda

(Peça em dois atos)

As lágrimas do mundo têm uma constância imutável. Quando um acaba de chorar, outro, em outro lugar, começa. É a mesma coisa com a risada. Portanto não vamos falar mal de nossa época, ela não é melhor nem pior que as outras. Também não vamos falar bem dela... Não vamos falar nada.

Samuel Beckett

Dedicado a Ieda, grande mãe, base de minha vida.
Dedicado a Luis Antônio, grande pai e o homem mais honesto que conheci.

Para Eveline Ferraz e Marcos Moreira, grandes amigos e palhaços de sempre.
Para Francisco Vilares, grande amigo e testemunha de minha tenacidade... e para Luana Matos, grande amiga, que me ensinou a importância do riso ao gargalhar de um palhaço escondido em mim.

A grandes amigos

Personagens: Velho, Velha, Adauto e Julieta.

Cenário: Uma sala de star grande e velha, com teias de aranha por toda a parte. Uma estante caída ao fundo do palco, à esquerda; livros caídos por toda aquela área. Ao centro duas cadeiras de balanço, mas elas não balançam. Em baixo delas um tapete. Um abajur do lado esquerdo da cadeira de balanço a esquerda, e um abajur do lado direito da cadeira de balanço a direita. Mais ao centro, e a frente das cadeiras, uma mesinha central velha. Ao fundo, um grande quadro com a imagem de um casal risonho, os dois seguram uma flor murcha. Atrás do quadro, cortinas negras com rosas roxas. À direita do palco, a porta de entrada da casa, ao seu lado, mais a direita, uma janela. A esquerda do palco uma entrada para o que seria a cozinha.

PRIMEIRO ATO
Quadro 1

Na cadeira de balanço da esquerda está um homem velho, que se veste com roupas velhas, e que olha fixamente para frente. Olha para cadeira de balanço da direita. Levanta com dificuldades, como se estivesse grudado a cadeira. Caminha para lá e para cá com dificuldades. Olha para a cadeira da direita e começa a admirá-la. Faz que vai sentar nela, mas não senta. Volta para a sua cadeira e ascende o seu abajur. Vira-se para a cadeira de balanço da direita e recomeça a admirá-la.

VELHO – Hum... Que cadeira bonita, de uma madeira bonita... Adorei... *(Pausa).* Você cadeira, é uma cadeira muito da respeitável, sabia?! Olho-a com um respeito que não deve imaginar, nem você e nem o carpinteiro que a esculpiu tão magistralmente. Oh, cadeira... em falar em carpinteiro, diga ao seu que ele é um gênio, ele é quase um filósofo... Vejo filosofia em seu acabamento... Olha... aquele contorno...! Que coisa mais positivista... *(Pausa. Fica pensativo.)* Positivismo é filosofia? Mas veja só... Claro que é filosofia, não é cadeira? *(Olha para a sua esquerda, para a entrada da cozinha e grita.)* Velha! Velha! Minha amora com pasta de amendoim querida! Onde está o chá? *(Não tem resposta, volta a olhar para sua cadeira.)* Cadeira, é verdade que você fez história? Sim, sim... Olho para você e vejo tudo isso... Sabia que você é usada para tudo? Em meios acadêmicos... *(Pausa.)* Mas você é uma cadeira especial! Você balança...! *(Analisa com mais cuidado.)* Ou não... *(Grita para a esquerda.)* Velha, meu chuchu, qual a demora, hã? Foi tirar chá das vacas e esqueceu de mim? Tem que ir com a motocicleta, minha velha. *(Pausa. Fala mais sério.)* Velha, eles ainda estão lá? *(Preocupado.)* Minha quiabada doce, me responda. *(Olha para a cadeira.)* Você não sabe o quão é bom tirar chá das vacas, cadeira. Você sabia que a Velha faz isso muito bem? É... é verdade... ela é uma especialista, precisa ver. E as vacas? Elas são adoráveis. *(Pausa.)* Cadeira, eu vou lhe contar um segredo. *(Inclina o seu corpo em direção da cadeira a direita. Sussurra.)* A Velha tem ciúmes das vacas! *(Sisudo.)* É por isso que ela não deixa eu tirar chá das tetas delas...! Hum... aquelas tetas. *(Pausa. Grita preocupado.)* Velha! Velha! Meu cajú! O meu chá não precisa adoçar. *(Olha para a cadeira.)* Ela se preocupa muito comigo... *(Pausa.)* Vou lhe contar outro segredo...

Entra uma mulher muito velha vestida com um vestido muito velho. Calça chinelos grandes demais para os seus pés. E usa meias grossas e vermelhas. Traz uma bandeja de prata com uma xícara. Anda com dificuldade. Seu rosto está carrancudo. Sua voz é fraca, mas agressiva.

VELHA – Conversando com a cadeira novamente, velho?

VELHO – Ô, meu nabinho da Espanha... Fiquei preocupado. Você sabe que quando eu demoro de tomar o meu chá eu começo a falar com a cadeira e penso que ela é minha amiga.

VELHA – As vacas estão cada vez mais longe. Eu ando muito para chegar até elas e pegar o chá.

VELHO – *(Pega a bandeja e coloca no seu colo.)* Eu já te disse que é para usar a motocicleta.

VELHA – Eu não sei pilotar, asno!

VELHO – Eu te ensino, minha sopinha de repolho.

VELHA – Você também não sabe pilotar, velho burro!

VELHO – É, é? *(Fica pensativo.)* E porque temos uma motocicleta no quintal?

VELHA – Coisa dos Jovens.

VELHO – *(Bebe um gole de chá.)* Dá próxima vez, minha velha, eu vou buscar o chá para nós.

VELHA – *(Diz agressiva.)* Nem morta eu deixo você com aquelas assanhadas. *(Pausa. Ela se senta na cadeira a esquerda. Liga o abajur.)* Ontem eu chorei muito, sabia? *(O Velho toma o chá.)* Lá fora as pessoas riem, mas não há nada para se rir, sabia? *(O Velho fica a saborear o chá.)* Do que eles riem tanto? Eu não sei. A vontade que eu tenho é de matar todos... Matar todos afogados em minhas lágrimas. Chorei muito... Pensei que nunca mais iria chorar de tanta lágrima que verti. Chorei tanto que voltei para casa de bote, sabia? *(O Velho olha para a Velha. Volta a beber o chá. A Velha olha para a direita, para porta de entrada.)* E eles... Nunca saem dali. Eles ainda estão ali, sabia? Estão esperando que a gente saia daqui. *(Grita rabugenta.)* Mas não vamos sair, ouviu? Isso tudo é coisa má! Vão atormentar outros, ouviu? Não queremos gargalhar como vocês!

VELHO – O chá está frio, velha.

VELHA – Deve ter sido o frio que está fazendo lá fora... Vim andando!

VELHO – Mas você passou pela cozinha, poderia muito bem ter esquentado o chá.

VELHA – Velho maldito e desgraçado! O chá é para ser tomado fresco, logo após de ter tirado das tetas das vacas.

VELHO – O chá fica frio quando não se sabe pilotar motocicletas... Quando só se sabe pilotar as pernas...

VELHA – Velho... Não me venha com ciência barata!

VELHO – Isso me é muito caro...

VELHA – *(Diz agressiva e incisiva.)* Dá próxima vez beba o seu banho quente! *(Tira uma revistinha do bolso de seu vestido. Coloca os seus óculos e tira um lápis do bolso. Começa a analisar a revista.)*

Silêncio. O Velho faz uma expressão como se estivesse fazendo força. Ele peida.

VELHA – O que é isso?

VELHO – Eu tentei rir. Mas não consegui, meu suco de pimentão.

Silêncio.

VELHO – Velha... Existe um porquê para tudo isso?

VELHA – *(Sem olhar para o Velho.)* Um porquê para quê?

VELHO – Para não rirmos?

VELHA – Existe!

VELHO – E qual é?

VELHA – *(Olha para o Velho.)* Ora essa... Por acaso não vê?

VELHO – O quê?

VELHA – Quais os motivos que você tem para rir?

VELHO – Os morangos quando estão vermelhinhos...?

VELHA – Isso é um motivo?

VELHO – Não é?

VELHA – É um motivo para eles que não têm nada para fazer e ficam rindo o tempo todo. *(Pausa. Fica atenta, ouvindo.)* Está ouvindo? *(Não se ouve nada.)* Eles gargalham como hienas... Mas gargalham de quem?

VELHO – Pessoas gargalham de pessoas!

VELHA – E quem são essas pessoas?

VELHO – Eu não sei, mas tenho a impressão de serem...

VELHA – Verdade! São eles... os Jovens.

VELHO – É só uma impressão.

VELHA – Mas pode ser verdade isso. Mas o que te leva a pensar assim?

VELHO – Somente quem ri de cidadão é político, não sabia?

VELHA – Claro que sabia.

VELHO – Logo são políticos... São políticos rindo de nós e de nossa condição. Eles riem porque bebemos chá tirado das tetas das vacas e porque estamos sentados em cadeiras de balanço que não balançam. Riem de nós porque... porque... somos velhos, meu brócolis da Índia, e porque somos estáticos.

VELHA – Fale por você. Eu não sou estática! Sou eu quem vai buscar o chá.

VELHO – Vai porque quer. Eu sempre me candidato para ir...

VELHA – Se quisesse ir de verdade fazia o impossível para ir. No fundo não quer se esforçar. De nós dois você é o estático.

VELHO – *(Assustado com o comentário.)* Velha má! Você tem ciúmes das vacas e eu que sou o estático? Se estou aqui preso nesta casa é por você.

VELHA – *(Agressiva.)* Não faz novela. *(Pausa.)* Onde estão os jovens?

VELHO – Provavelmente rindo lá fora... *(Pausa)*... Está ouvindo? *(Não se ouve nada.)* É a gargalhada deles. *(O Velho começa a ouvir o que não é audível.)* Que música tem a gargalhada dos Jovens! Uma melodia bonita, não acha? *(Fica a ouvir a gargalhada inaudível.)* Ô meu pirulito de uva psicodélico, ser jovem parece ser bonito... Eles riem! Minha Velha, rir pode ser bom, até para nós que somos estáticos e velhos. *(Pausa. Olha para a Velha.)* Vamos, conte-me uma piada para eu rir. Quando eu gargalhar e rolar no chão, levantarei e contarei uma piada para você, meu doce de jiló... Você deve ser linda quando sorri, e mais linda ainda quando gargalha. Vamos... me conte uma piada.

VELHA – As crianças morrem de fome na África.

O Velho começa a chorar copiosamente. A Velha olha para ele impassível.

VELHA – Você não lê nos jornais? Crianças morrem de fome na África! *(O Velho grita de choro*. *A Velha fala impaciente.)* Ainda me fala de riso. *(O Velho continua chorando. A Velha fala com autoridade.)* Cala essa matraca!

VELHO – *(Para de chorar derrepente.)* Mas porque os Jovens riem tanto então?

VELHA – Pergunte a eles quando eles entrarem... se entrarem... Se eles não ficarem a gargalhar durante todo o dia. *(Grita.)* Tomara que tenham uma overdose de riso, seus imprestáveis! *(Olha assustada para a porta da direita.)* Você ouviu? Eles gargalharam mais alto!

VELHO – São jovens!

VELHA – São vagabundos, isso sim!

Silêncio.

VELHO – O meu sonho é gargalhar. Bem que queria gargalhar se tivesse um motivo... único. Mas não há. Agora eu entendo o que diz, minha abóbora verde. O mundo não ajuda você a rir, ajuda você a chorar... Mas é "questionante" por que certas pessoas não choram, ao contrário, riem de tudo isso. Eu sou um anormal. (*Olha para Velha*.) Queria poder gargalhar... Deve ser fácil, já que eles riem, não é? (*Levanta-se com muita dificuldade, e leva a bandeja de chá para a mesinha central. Volta a sentar. Olha para o horizonte.)* Os Jovens deveriam fundar uma escola do riso... Uma Escola da Gargalhada! (*Olha para a Velha*.) Poderíamos aprender já que não sabemos, o que acha?

VELHA – Não importa se rimos de desgraças ou não, Velho. Rir é coisa má!

VELHO – Não pode pensar dessa forma... Você nunca riu!

VELHA – Eu ri... uma única vez...

VELHO – Não me lembro...

VELHA – Ora essa... pergunte aos Jovens.

VELHO – Eles iriam se lembrar?

Longo silêncio.

VELHA – Não, não iriam. Eles nunca lembrariam... (*Silêncio*.) Mas eu sorri, verdade... Foi quando um deles nasceu... Era tão pequeno e feio... Mas eu gostava dele mesmo assim... (*Olha para o Velho*.) A natureza não foi muito bondosa com ele, não é? (*Pausa*.) Mas eu sorri naquele dia, fiz até um som. Isso significa que foi uma pequena gargalhada... Melhor, uma meia gargalhada. Quando eu "meio-gargalhei", ele começou a chorar... (*Diz com pesar*.) Aquilo me comoveu tanto, Velho, você não faz idéia... Descobri que ele começou a entender que o mundo não era bom da hora que nasceu... Isso é triste. Comecei a chorar com ele também... Chorei muito, chorei tanto que voltei para casa de bote naquele dia, lembra? Eu tentei muitas formas para que ele não chorasse, mas ele chorava muito alto... e o médico me olhava com um miserável sorriso, como se aquela cena fosse bonita... Ele, as enfermeiras, eram todos muito sorridentes. Tive ódio deles... Você lembra? Ele e eu choramos durante dias... e você ficava o tempo todo dizendo que com o chá tirado das tetas das vacas iria melhorar tudo... mas não melhorava. (*Pausa*.) Depois de um tempo, quando a outra nasceu, eu nem sequer meio-gargalhei, tão pouco chorei... Tornei-me pedra... Não senti nada que qualificasse a minha função.

VELHO – Que história triste, meu pimentão.

VELHA – (*Se recompondo*.) Agora eles vivem lá... Riem o tempo todo depois de me contaminar com a tristeza... (*Grita para a porta da direita*.) Pois eu agradeço a vocês, ouviu? (*Pausa. Começa a folhear a revista com agressividade*.) Amanhã acordarei cedo para pegar o chá.

VELHO – Amanhã você não pode... Amanhã o Adauto e a Julieta estarão aqui para jogar cartas conosco.

VELHA – Verdade... Eu esqueci. (*Pausa*.) Ficaremos sem chá, então.

VELHO – Isso não!

VELHA – Então teremos que esquecer a idéia de você jogar cartas com o Adauto e a Julieta.

VELHO – Não, isso também , não! É uma chance para gargalhar, sabia? Eles são felizes e risonhos!

VELHA – Gente vagabunda!

VELHO – Velha! O que é isso? São nossos amigos. Eles vêm nos tirar dessa estaticidade!

VELHA – Poupe-me, por favor. Filantropia barata?

VELHO – (*Diz agressivo*.) Limão azedo!

VELHA – (*Sem tirar os olhos da revista*.) Asno!

Silêncio.

VELHO – Como fazemos então?

VELHA – Bebemos o ponche... e ainda oferecemos a eles.

VELHO – Mas o ponche está velho... e com uma cor estranha.

VELHA – Eu sei. Mas é tudo que temos... (*Olha pra a bandeja na mesa central*.) Você bebeu o chá todo. Se quisesse chá para amanhã deixava um pouquinho.

VELHO – Eu adoro isso. Não consigo me controlar. (*Pausa*.) Ainda bem que você não bebe o chá, somente vai buscá-lo.

VELHA – Se eu bebesse o chá não iria ter ninguém para buscá-lo.

VELHO – Sabe que eu iria. *(Olha para Velha.)* Os Jovens... (*Pausa*.) Onde as vacas estão agora?

VELHA – (*Olha para o horizonte cansada*.) Distantes, Velho. Só de pensar eu fico cansada. É ruim andar durante uma semana para buscar uma xícara de chá para você.

VELHO – Terá que aprender a pilotar a motocicleta.

VELHA – E quem irá me ensinar?

VELHO – Um dos jovens, ora. Peça a um deles!

VELHA – (*Fica pensativa*.) Não sei... eu... (*Começa a ouvir o silêncio*. *Olha para a porta de entrada*.) Como eles vão me ensinar a pilotar a motocicleta se eles não saem de lá... Vivem

gargalhando? São umas hienas infernais... (*Grita*.) Diabos! (*Fica ouvindo.)* Quem será que está com eles?

VELHO – Os jovens são políticos... Isso não é bom?

VELHA – Por que seria?

VELHO – Eles nunca vão ficar tristes. Assim... como nós. Somos tristes como uma flor que não é regada.

VELHA – Eu não sou triste!

VELHO – Claro que é, meu peixinho frito com molho de alho poró.

VELHA – Triste é a sua maldita mãe!

VELHO – (*Choroso*.) Não fala da mamãe!

VELHA – Sua mãe aquela bruxa! Ela era a mulher mais triste que eu conheci!

O Velho começa a chorar copiosamente.

VELHO – Velha má, sem coração... Você é uma pedra!

VELHA – Eu sou!

O Velho vai engolindo o choro. Pega a sua xícara de chá e começa a lamber o interior.

VELHO – (*Olha para a Velha*.) O Adauto e a Julieta chegam amanhã cedo. (*Deixa a xícara na badeja*.) Trate-os bem, ouviu? Eles são muito bons. Temos que ser bons com eles também. É gente instruída, de boa família. Eles têm até brasão, velha. (*Pausa*.) Talvez eles nos tragam presentes... O que acha? Eu adoraria... (*Pausa*.) Há muito tempo não ganho presentes.

VELHA – Mal agradecido! O chá que trago para você não deixa de ser um presente.

VELHO – Ô, meu chuchu fatiado... Você ficou ofendida, foi?

VELHA – (*Olha com agressividade para o Velho*.) Maldito!

VELHO – Tá bom, tá bom... O chá é um presente!

VELHA – Agora não adianta. Você já falou. A ofensa já foi feita.

VELHO – Por falar em chá... Não vamos ter nada para oferecer a eles amanhã...

VELHA – (*Impaciente*.) Temos o ponche...

VELHO – Mas ele está ruim... Ele está lá a mais de um mês, meu quindim desmanchado...

VELHA – Então terá que fazer outro.

VELHO – Eu não sei fazer ponches...

VELHA – (*Agressiva*.) Então não reclame! Eles virão e ficarão sem beber nada.

Silêncio.

VELHO – Pelo menos temos água.

VELHA – Se as vacas não estivessem tão longe...

VELHO – Você iria buscar o chá?

VELHA – (*Olha para ele agressivamente. Volta a olhar a revista.)* Talvez.

Silêncio.

VELHO – O que tanto vê nesta revista?

VELHA – As letras.

VELHO – E elas são bonitas?

VELHA – Algumas sim.

VELHO – Posso dar uma olhada, meu coração?

VELHA – Não!

Silêncio.

VELHA – (*Olha derrepente para a porta de entrada*.) Por causa deles eu não me concentro... (*Grita*.) Podem gargalhar mais baixo? (*Olha para o Velho*.) Vamos ter que chamar a polícia... Essa é a atitude mais prudente.

VELHO – (*Assustado*.) Você quer que eles prendam os Jovens?

VELHA – Não... Você mesmo disse que eles são políticos agora. (*Sussurra. Inclina-se para o Velho*.) Quero que prendam os políticos.

VELHO – Então todos lá fora estão em apuros.

Quadro 2

É tarde. Mesmo cenário. A Velha está na janela, olhando a rua como se esperasse alguém. O Velho está com cara de bobo olhando para Adauto e Julieta, os três jogam cartas em uma mesa redonda na esquerda do palco. Os dois convidados gargalham muito. Adauto é um homem velho, mas muito bem cuidado, que se veste muito bem. Usa um black-tie negro e

alinhado. Julieta, uma velha madame com colares e adereços dourados, está com um vestido de gala. Adauto e Julieta são pessoas muito felizes.

ADAUTO – (*Para o Velho*.) O que vamos apostar?

VELHO – Eu não tenho nada para apostar, amigo Adauto...

JULIETA – Ora, ora... Em um jogo, meu caro, temos que apostar alguma coisa, ou que graça teria, não é, amor meu?

ADAUTO – Claro, claro, meu raio de sol... (*Olha para o Velho*.) Não tem nada mesmo?

VELHO – Nadinha, amigo Adauto.

ADAUTO – (*Falsa lamentação*.) Puxa vida! Jogamos até agora para que você aprendesse e agora que aprendeu não dispõe de nada para apostar?

VELHO – Podemos jogar sem apostar, o que acha?

ADAUTO – Perda de tempo.

JULIETA – (*Para o Velho*.) Meu queridinho... (*Olha ao redor*.) Você pode apostar... hum... deixe-me ver... (*Olha para o grande quadro ao fundo*.) Ora, ora, ora, ora... Aquele quadro! (*Olha para Adauto*.) O que acha, amor meu?

ADAUTO – (*Levanta-se. Começa a admirar o quadro*.) É você e sua Senhora?

VELHO – Não me lembro, meu amigo.

ADAUTO – Mas veja, Julieta. (*Olha para o Velho*.) Se não se lembra, pressuponho que não seja de grande importância para você e sua Senhora...

A Velha olha a situação.

VELHO – (*Com certo medo*.) Não, meu amigo Adauto, eu não posso apostar esse quadro.

JULIETA – (*Olha para Adauto*. *Falsa lamentação*.) Então acho que teremos que ir, não é amor meu?

ADAUTO – (*Falsa lamentação*.) É, eu acho que sim, meu raio de sol.

VELHA – (*Incisiva*.) É melhor que vá mesmo. Fora!

VELHO – Meu biscoito de leite coalhado, o que isso? Não grite com nossos convidados. Temos que ser educados..

VELHA – Cale-se você também, seu velho pamonha! Se quiser vá com eles!

VELHO – (*Choroso.)* Estou ofendido...

ADAUTO – (*Para a Velha*.) Ora, minha Senhora, não precisa ficar irritada...

JULIETA – Estamos aqui para o bem de vocês...

VELHA – Cale-se velha horrível... Fora!

VELHO – Me perdoem, ela é assim, amarga... Mas é boa pessoa.

ADAUTO – Não se preocupe, amigo, ficaremos aqui para ampará-lo e fazê-lo gargalhar. (*Olha para a Velha desafiador*.) Julieta, ficaremos aqui e jogaremos sem apostas... (*Olha para o Velho e sorri*.) Pelo meu amigo aqui.

VELHO – Verdade? Sem apostas?

ADAUTO – Sem apostas.

JULIETA – (*Achando graça*.) Sim, sem apostas.

Adauto e Julieta sentam-se. Adauto junta as cartas e começa a distribuí-las.

ADAUTO – Uma carta para mim, uma carta para Juju e uma carta para o meu amigo... Uma carta para mim, uma carta para Juju e uma carta para o meu amigo... Uma carta para mim, uma carta para Juju e uma carta para o meu amigo... Uma carta para mim, uma carta para Juju e uma carta para o meu amigo. (*Julieta começa a gargalhar na distribuição das cartas.)*

VELHA – (*Depois de um tempo*.) Por acaso os senhores viram alguém... lá fora?

JULIETA – (*Olhando para a Velha*.) Por acaso não, minha Senhora. (*Gargalha levemente*. *Olha para Adauto. Os dois trocam olhares*.) Deveríamos?

VELHA – Algumas pessoas que gargalhavam desvairadamente...

ADAUTO – (*Pensativo olhando suas cartas.)* Algumas pessoas...

JULIETA – (*Pensativa olhando suas cartas.)*... que gargalhavam...

ADAUTO – (*Ainda olhando suas cartas.)*... desvairadamente?

ADAUTO e JULIETA – Vimos!

VELHA – E para onde eles foram?

JULIETA – Para Além Norte!

VELHA – (*Preocupada*.) Onde é Além Norte?

ADAUTO – Não sabemos, minha senhora... e acho que não deveríamos saber. (*Adauto e Julieta gargalham.)*

VELHA – (*Ainda preocupada*. *Olha para janela pensativa*.) E eles voltam?

ADAUTO – (*Vira-se para a Velha*.) Está interessada? Por quê?

VELHA – (*Agressiva*.) Não te devo satisfações.

JULIETA – Ora, ora, ora, ora, amor meu... Preste atenção ao jogo. Não devemos deixar o nosso amigo ganhar.

VELHO – Minhas cartas são boas... (*Pausa*.) Isso era um motivo para um riso? (*Pensativo*.) Mas por que eu não "risei"?

Adauto e Julieta gargalham.

JULIETA – Ora, ora, ora... O certo, amigo, seria "mas porque eu não ri?" ou "mas por que eu não gargalhei?".

VELHO – É, é?

JULIETA – Sim, é! (*Gargalha.)*

A Velha volta a olhar pela janela.

VELHO – (*Olhando Julieta admirado*.) Como tem perícia com o riso, amiga Julieta... Gargalha tão facilmente. Isso deve exigir uma técnica muito aprimorada...

ADAUTO – E exige, meu caro! Olhe para você. (*O Velho se olha. Adauto e Julieta começam a gargalha. Diz em meio a risos*.) Você é uma técnica ambulante!

VELHO – Eu? Uma técnica ambulante?

Adauto e Julieta gargalham com mais força.

ADAUTO – (*Enxugando as lágrimas de riso*.) Ai, ai, meu amigo... Se quisesse rir realmente riria de você mesmo.

VELHO – O Senhor diz isso, mas eu não me acho engraçado. Até queria na verdade...

JULIETA – Eu me pergunto por que sua Senhora nunca riu convivendo com você. Ora, ora, ora, ora... A vida, pelo menos a dela, seria feliz... (*Olha para ela*.) Alguém aqui precisa sorrir, não é?

ADAUTO – Piadas! Já tentou ouvir uma piada?

VELHO – Uma vez... mas nem as piadas tem graça, amigo Adauto.

ADAUTO – Como assim não tem graça? Ora, você nunca ouviu uma boa piada, isso sim. (*Olha para Julieta*.) Sabia que a Juju é uma ótima piadista. Das melhores.

JULIETA – Ora, ora, ora, ora... Amor meu... Assim você me deixa acanhada. *(Olha para o Velho*.) Bobagem, querido amigo, Adauto é assim, exagerado.

ADAUTO – É modéstia do meu raio de sol, amigo. Ela tem uma piada incrível. Conte-a para nós, meu bem.

VELHO – Por favor, conte.

ADAUTO – Veja Julieta, como o nosso amigo está pedindo... Não faça essa desfeita. Olhe para os olhos dele, brilhando de ansiedade.

JULIETA – Tudo bem então. Já que insistem eu contarei. (*Levanta-se da cadeira e toma uma distância para contar a piada, se afastando da mesa do jogo*.)

ADAUTO – (*Batendo palmas*.) Muito bem! (*Olha para o Velho pedindo palmas também. O Velho aplaude atrasado, mas com eufórica ansiedade*. *A Velha olha para tudo isso indiferente.)*

JULIETA – (*Faz alguns aquecimentos vocais. Toma ar*.) As crianças morrem de fome na África!

O Velho olha com desmotivação Julieta. Começa a moldar uma máscara facial de choro. Seu choro é crescente e copioso, até atingir um grito. Adauto e Julieta gargalham muito alto, competindo com o choro do Velho. Isso continua durante um bom tempo.

JULIETA – (*Em meio a gargalhadas*.) Ele não lê os jornais!

VELHA – (*Virando-se para Julieta*.) Se continuar falando discrepâncias eu os expulso a vassouradas!

ADAUTO – (*Começando a controlar a gargalhada*. *Olha para o Velho que continua chorando*.) Sua esposa é bastante agressiva. É de certo que nunca gargalharia em sua negra vida. (*Precipita-se*.) Mas calma, minha senhora, não precisa me agredir. A senhora já parou para pensar que ouvir verdades também é bom?

VELHA – Pare e pense se isso me importa!

ADAUTO – (*Depois de analisá-la*.) É... Não!

JULIETA – Amor meu, é melhor voltarmos ao jogo, não acha? Não devemos deixar o nosso amigo ganhar. (*Dirige-se a mesa do jogo. Senta-se.)*

ADAUTO – Isso nunca!

O Velho pega as suas cartas ainda choramingando. Aos poucos vai engolindo o choro. Exceto algumas "choraminguações" do Velho todos estão calados. Silêncio.

VELHO – Qual é a diferença entre sorrir e gargalhar?

JULIETA – Ora, ora, ora, ora... Sorrir é desenhar (*Sorri*.) gargalhar é fazer sons! (*Adauto Julieta gargalham*.) Não quer tentar?

ADAUTO – Meu amigo, tente! Desenhe sua boca.

O Velho molda algo com a boca, mas nada que lembre um sorriso. Lembra uma máscara facial trágica e grotesca. Seus dentes amarelados estão à mostra.

JULIETA – Agora emita um som.

O Velho chora copiosamente.

JULIETA – Sem chance.

ADAUTO – Sem chance alguma! (Gargalham) Mas... é... espero que daqui até nós irmos embora você consiga emitir uma meia gargalhada, hã? Vamos por partes.

JULIETA – Sim... Vamos por partes, amigo.

Voltam a jogar. O Velho vai parando de chorar.

ADAUTO – (*Olhando as cartas*.) Hum... amigo... (*Olha para ele sem segurar a sua necessidade*.) Não tem nada para se beber aqui?

VELHO – (*Desconcertado olhando para a Velha. Esconde-se atrás das cartas*.) É... para beber? Bem... é...

ADAUTO – (*Olhando suas cartas*.) Sim para beber...

VELHO – Não temos...

VELHA – Temos ponche.

JULIETA – Ora, ora, ora, ora... Ponche é ótimo, Adauto! (*Adauto faz cara de reprovação.)*

VELHO – Mas o ponche não está tão bom.

VELHA – Claro que está. Se vocês querem eu vou buscar um copo para cada.

JULIETA – Faça isso, faça isso...

A Velha sai pela porta da esquerda, ao passar por Julieta, olha-a com cara de poucos amigos. Julieta gargalha olhando para platéia.

ADAUTO – Eu não gosto muito de ponche Julieta, sabe disso. Não se lembra da festa do mendigo coxo? Bebi ponche até pelas narinas... O que me aconteceu? Há... (*Olha para o Velho*.) Tive uma baita dor de barriga. Me borrei todo, amigo. (*Pausa*.) O seu ponche é de que?

VELHO – De frutas, meu amigo Adauto.

ADAUTO – (*Dá um salto na cadeira*.) Os de frutas são os mais terríveis, os mais fatais... Julieta... Estou condenado!

JULIETA – Não faça uma desfeita dessas com nosso amigo, amor meu... Isso não se faz.

ADAUTO – Mas Julieta...

JULIETA – Nem mais um mas, Adauto! (*Olha para o Velho*.) Tomaremos o ponche sim, querido amigo.

ADAUTO – (*Sussurrando para o Velho*.) Pelo menos o ponche é gostoso?

VELHO – Ora... é... Claro que sim, amigo Adauto... Meu sorvete de azeitona inseriu vinho.

ADAUTO – (*Levanta-se desesperado. Começa a sentir falta de ar*.) Ele quer me matar, Julieta... Ele quer me matar...! Tem vinho no ponche!

JULIETA – Querido, por favor, acalma-se. Não pense naquela festa, amor meu...

ADAUTO – Como não? Como não, Julieta? Você fala isso porque não foi o seu traseiro... (*Começa a se lamentar*.) Só de lembrar o buraco começa a latejar... a doer... Você tem noção disso?

JULIETA – Não, amor meu, eu não tenho noção...

VELHO – Mas o que há de mal o ponche de frutas ter vinho?

ADAUTO – (*Desesperado agarra a gola da camisa do Velho, erguendo-o da cadeira*.) O que há de mal, meu amigo é que vinho é sangue, entendeu? É isso! (*Julieta começa a gargalhar.)* Isso é uma desgraça! Você sabe o que isso significa? Hã? Você sabe? Não deve saber, pois não será o seu traseiro que expelirá isso... (*Solta a gola da camisa do Velho*.) Ai, ai... ai... tudo dói agora, tudo... (*Olha para Julieta*.) Terá que inserir o termômetro! (*Julieta gargalha*.)

A Velha aparece com dois copos de vidro cheios de ponche.

JULIETA – (*Falsa surpresa*.) Olha, amor meu! O ponche! (*Gargalha levemente*.)

ADAUTO – (*Morrendo de medo, se esconde atrás da cadeira de balanço da Velha*.) Meu Deus... Lá está ela! Ela quer ceifar a minha vida, Julieta... (*Olha para o Velho*.) Não deixe, amigo... Ela quer me matar para que eu não ajude você a gargalhar... Olhe para as feições dessa mulher*. (Julieta olha e gargalha. O Velho olha*. *A Velha está indiferente*.) Olhe os olhos desse ser-humano... Cheios de maldade e vilania. Está clara a "sorrateirisse". (*Grita para Julieta*.) Os copos, os copos, meu raio de sol, tire-os das mãos dessa "lago"! Ela quer que eu morra de tanto obrar!

VELHA – (*Indiferente*.) O que é isso?

VELHO – O nosso amigo Adauto, meu suflê de pêra dormido, não pode beber ponche de frutas com vinho. Parece que quando ele o bebe tem caganeiras. (*Olha para Adauto com dó*.) Isso é ruim, minha Velha. É melhor não darmos o ponche para ele.

JULIETA – Mas ora, ora, ora, ora, ora, ora e ora! Nada disso. (*Pega um copo de ponche da mão da Velha*.) Com licença. (*Leva até Adauto*.) Amor meu, Adautinho... Não vai fazer passarmos vergonha, vai? Então beba tudinho, pois eles fizeram de coração... Para nós.

ADAUTO – Ah... Mulher malévola! Está “comparseando” com a Velha dos infernos?

JULIETA – (*Como se estivesse falando com um bebê*.) Não, não, amor meu...

Se abaixa e aperta as bochechas de Adauto com a mão esquerda, forçando-o a abrir a boca. Adauto fala coisas inaudíveis, resmunga. Julieta empurra o ponche garganta abaixo.

JULIETA – *(Continua falando como se Adauto fosse um bebê.)* Isso, amor meu, isso. Muito bem... Bebe... guti-guti... (*Sorrindo*.) Isso, meu queridinho... Bebe tudinho.

O Velho olha a cena com horror. A Velha fica impassível. Julieta acaba de dar o ponche para Adauto.

JULIETA – Prontinho. Doeu?

Adauto se recompõe desconcertado com a cena. Limpa as suas vestes e ajeita a sua gravata.

ADAUTO – É... hum... Bem... O ponche é até saboroso... Diria... com sabor peculiar, sendo mais exato. (*Olha para Julieta*.) Não vai provar, querida? Está maravilhoso!

JULIETA – Não, eu não vou.

ADAUTO – Ora, mas por quê?

JULIETA – Eu não gosto de ponches!

ADAUTO – (*Sorri*.) É verdade. Eu tinha me esquecido.

VELHA – E o que faço com o outro copo?

ADAUTO – Ora, pode me dar... Eu adorei o ponche da Senhora! (*Pega o outro copo de ponche da mão da Velha e o bebe de uma só vez*.) Ma-ra-vi-lho-so! Estou pronto para voltar ao jogo, amigo!

JULIETA – (*Decepcionada*.) Não está sentindo nada?

ADAUTO – Nada!

JULIETA – Nadinha?

ADAUTO – Nadica de nada.

JULIETA – (*Tentando conter a decepção*.) É, né? Vamos voltar ao jogo.

VELHO – Vamos ter que voltar do começo?

ADAUTO – Ora, claro que não. As minhas cartas estão ótimas! Você com certeza não irá ganhar!

VELHO – Não fale isso. Eu aprendi tudo direitinho no nosso treino.

ADAUTO – (*Gargalhando levemente*.) Isso é o que vamos ver, meu caro.

Julieta se senta a mesa. A Velha vai até a janela, mas volta e senta em sua cadeira de balanço. Tira a revista e o lápis do bolso do vestido e começa a se ater ao conteúdo da revista. O jogo recomeça.

ADAUTO – (*Depois de um tempo*.) Bati! (*Gargalha*.) Eu realmente sou invencível, inigualável, surpreendente... (*Começa a se contorcer na cadeira.)*... Incrível... O melhor... ai... ui... O vencedor... ui... O... ai... O ganhador... ai, ai... ui, ui... ai... ui... O...

VELHO – O que foi, amigo Adauto?

JULIETA – (*Abrindo um sorriso*.) É ela?

ADAUTO – Não estou agüentado, Julieta... ai... ui...

JULIETA – É ela! "A Inevitável Dor de Barriga"! (*Grita e gargalha*.)

ADAUTO – Ai, ui... Eu não agüento!

VELHA – Aqui não existem banheiros!

ADAUTO – O quê?

VELHA – (*Folheando a sua revista*.) Isso mesmo.

ADAUTO – Ai meu Deus, ai meu Deus... Julieta, essa gente é estranha... Estou perdido! Farei tudo nas calças... Vamos, vamos... Terá que usar o termômetro!

VELHO – Nós não sentimos dor de barriga a anos, amigo Adauto, e nem fazemos xixi.

ADAUTO – Julieta... Socorra-me... O termômetro!

JULIETA – (*Em meio a gargalhadas*.) Onde está, onde está, amor meu?

ADAUTO – Entre os seus seios, mulher!

JULIETA – Oh... Claro, claro... Entre os meus seios. Deixo-o aqui por eventualidades. (*Pausa*.) Isso é uma eventualidade?

ADAUTO – Claro que é, mulher dos infernos!

JULIETA – (*Gargalhando mais alto*.) Oh... Isso é uma eventualidade! Terei que inserir o termômetro em seu traseiro! (*Tira o termômetro que estava entre os seus seios.)*

VELHO – (*Com horror*.) Quer ajuda, amiga Julieta?

VELHA – Não se intrometa, velho idiota! Isso é problema deles, não nosso.

VELHO – Mas meu peru defumado...

VELHA – (*Agressiva*.) Fique quieto! (*O Velho se senta em sua cadeira de balanço subjugado.)*

JULIETA – (*Cantando e gargalhando*.) Amor meu... Amor meu... Terá que abaixar as calças.

ADAUTO – Tudo bem, tudo bem... Mas faça isso logo!

JULIETA – Você conhece a história do Grilinho Bêbado?

ADAUTO – Mas que história...? Insira o termômetro!

JULIETA – (*Levando Adauto para trás da mesa de jogo*.) O Grilinho Bêbado era muito, mais muito, mais muito bêbado...

ADAUTO – Vamos logo com isso, mulher! (*Adauto se apóia da mesa.)*

JULITA – Está bem!

Julieta insere o termômetro com violência. Adauto urra de dor. Julieta gargalha muito alto e freneticamente.

SEGUNDO ATO
Quadro 1

É noite. Mesmo cenário da Cena 1 do primeiro ato. O Velho e a Velha estão sozinhos sentados em suas cadeiras de balanço que não balançam. A Velha olha para o horizonte como se não tivesse nada para fazer. O Velho olha para o horizonte da mesma forma que a Velha, mas com sua xícara, com chá tirado das tetas das vacas, em mãos. O Velho olha para a Velha. Levanta-se como se estivesse grudado a cadeira, depois coloca a sua xícara na mesa central. Volta para o seu lugar. Respira aliviado. Continua a olhar para o horizonte. Desliga o seu abajur. Liga novamente. Desliga. Liga novamente. Desliga. Liga novamente. Fica neste jogo até que a Velha olha para ele, mas ele não olha para a Velha. Desliga o seu abajur, somente o abajur da Velha está ligado.

VELHA – O que quer?

VELHO – Motivos.

VELHA – Para rir?

VELHO – Hoje estou com vontade de chorar.

VELHA – Verdade? Que milagre. Você sempre tem essa vontade.

VELHO – Aquela imagem não me sai da cabeça.

VELHA – (*Continua olhando para o horizonte. Sua fala é cansada*.) Qual?

VELHO – A dos nossos amigos, minha flor do campo murcha.

VELHA – Dos seus amigos. Eles não são meus amigos.

VELHO – (*Liga o abajur*.) Eles não são seus amigos, mas eles precisam de amigos... (*Desliga o abajur.*) São mais precisados que nós, minha velha.

VELHA – É notável. (*Pausa*.) Você viu os Jovens hoje?

VELHO – (*Liga o abajur.*) Não, minha amora caramelada, eu não vi. (*Desliga o abajur*.) Devem ter saído muito cedo.

VELHA – Há muito tempo não os vejo. (*Pausa*.) Será que realmente foram para Além Norte? E onde é Além Norte?

VELHO – (*Liga o abajur*. *Fica pensativo*.) Acima do Além Sul. (*Desliga o abajur*.)

VELHA – (*Ainda sem olhar para o Velho*.) Eles voltam?

VELHO – Acho que sim... (*Liga o abajur*.)

VELHA – Eles são fugitivos da polícia, agora? Mas eu não chamei a polícia para prendê-los.

VELHO – Ai, ai, minha velha. Os jovens agora vão viver bem melhor. Vão se tornar ricos, e vão esquecer que um dia moraram em uma casa onde não existem banheiros e nem riso. Por isso que eles preferiam lá fora, sabia? Lá eles podiam mijar em postes e gargalhar para o mundo inteiro ouvir... Eu adorava a gargalhada deles. (*Olha para a Velha*.) Eu sei que não gostava. Mas eu conseguia ouvir uma melodia tão bonita, minha fruta-pão cozida na lareira. Lá fora todos gargalham e todos mijam onde querem.

VELHA – E nós não conseguimos nem rir e nem mijar!

VELHO – Você quer gargalhar, minha velha?

VELHA – (*Demora a responder*.) Eu não quero, velho...

Pausa

VELHO – Então quer mijar?

VELHA – (*Olha agressiva para o Velho*.) Também não... Não posso mijar!

Pausa. O Velho se levanta com dificuldade, como se estivesse preso a cadeira. Pega a sua xícara na mesinha. Volta a se sentar e bebe um gole.

VELHO – Dessa vez demorou duas semanas para trazer o chá. Por que? (*A Velha não responde*.) As vacas estão mesmo cada vez mais longe... Logo o chá estará em extinção. Aí sim vamos chorar muito.

VELHA – As vacas estão realmente longe, mas não demorei por isso. (*Suspira*.) Eu caminhei observando o mundo, velho. Com isso comecei a pensar - coisa que não quero mais me dar ao luxo... (*Pausa*. *Ainda olhando para o horizonte*.) Ando chorando escondida... não sei de quem. Você poderia dizer que eu choro porque me sinto sozinha, mas não é isso. As lágrimas traçam o meu rosto por causa da vivência... O mundo me faz chorar, entende? Choro porque o mundo é mau, porque as pessoas são más e porque eu tenho uma forte tendência para a maldade. Você me entende? Não. Você não me entende... É ruim. É simples... É muito ruim. (*Pausa*.) Eu me isolo de mim mesma em algum lugar e verto lágrimas... mudas... só por pensar em gente. As pessoas estão juntas, mas individualmente. Você me entende? Aí você vê a hipocrisia brotar como uma flor brotando... uma flor má... Uma flor hipócrita. Mentirosa! Uma flor que berra asneiras... Por isso me irrito quando me falam de amor, quando me dizem que o mundo precisa de amor. Odiava quando minha mãe dizia isso, e quando minhas irmãs concordavam. O mundo não precisa de amor, entende? Você me entende? (*Pausa*.) Ninguém precisa de amor. O amor ainda é uma coisa que está longe... Muito longe daqui... (*Diz com pesar*.) Como os jovens... Ele não é emergencial... Não precisamos dele, entende? Você me entende? Não. Você não me entende. (*Pausa*.) Choro muito quando penso nisso... e começo a pensar em bobagens. E tudo começa a ficar falso... O meu choro é como um ponto de partida para eu me tornar humana. Começo a entrar em um estado de fraqueza. Você me entende? (*Pausa*.) O mundo só precisa de respeito... se não sempre que eu chorar voltarei para casa de bote.

Ao decorrer da fala da Velha, o Velho continua a bebericar o seu chá, mas sempre mantendo o olhar no horizonte. A Velha fala tudo isso olhando para a platéia.

VELHO – Que coisa ruim, meu gengibre.

VELHA – (*Coloca um xale nos ombros. Levanta-se, e caminha em direção da janela*.) E é por isso que eu sei que os Jovens não voltarão. Eles têm noção do quanto são desrespeitosos. E que detesto gente do tipo deles.

VELHO – Mas eles voltam, minha velha.

VELHA – (*Volta-se para o Velho*.) Voltam?

VELHO – Sim.

VELHA – (*Volta a olhar pela janela*.) E você sabe quando, Velho?

VELHO – Não sei... Mas os Jovens vão trazer gargalhadas, minha linda maçã do amor... Para nós. Para vivermos felizes como eles... Risonhos como eles... Políticos como eles... É moda ser político, sabia?

VELHA – (*Olha para o Velho com compaixão*.) Quando eles voltarem, e trazer as gargalhadas, juro que a minha eu lhe dou, Velho.

VELHO – Mas eu não quero gargalhar sozinho, minha uva com vinte caroços. Que graça teria eu gargalhar sem você do meu lado gargalhando também? Eles vão vir de Além Norte para nos presentear com gargalhadas, minha velha. A gargalhada... é sua por direito.

VELHA – Mas eu não anseio por gargalhar... Você sim! (*Volta e se senta em sua cadeira de balanço.*) Não vejo graça em nada. Não sou como Adauto e Julieta.

VELHO – Eles são pessoas felizes. São como os Jovens... Só faltam ficar gargalhando aí fora. Mas eu me senti tão horrorizado com tudo aquilo, minha velha... Tive até pesadelos naquela noite. Termômetros hediondos e falantes vindo em direção ao meu traseiro, que estava pintando com um alvo... E era a Julieta que mandava... Foi horrível! O pior é que eu não me mexia... Não conseguia esquivar dos termômetros. Foi quando você me acordou, e por isso eu a amo! (*Ele olha para a Velha.*) Há quanto tempo você não me diz que me ama, minha jujuba de laranja com cebola? Eu te amo! Diga que me ama também... (*Pausa. Fica pensativo*.) Isso pode me fazer rir. Vamos, diga que me ama, aí quando eu pular de alegria e depois de compor uma música de amor para você, direi que te amo mais do que tudo nessa Terra. Vamos... diga que me ama.

VELHA – Não existe amor. Eu te respeito.

O Velho começa a chorar copiosamente. A Velha olha para ele impassível.

VELHA – (*Levanta-se. Vai em direção da janela deixando o Velho chorando*.) Não sei por que chora. Nem os jovens sentem isso por você... e nem por mim.

O Velho, ainda choramingando, bebe um pouco de chá tirado das tetas das vacas.

VELHO – Eles me respeitam sim... Pelo menos... (*Bebe um gole de chá*.) Trarão gargalhadas para mim... (*Bebe um gole do chá*.) E para você, velha amarga...

VELHA – (*Agressiva*.) Não seja ingênuo. É burro como uma porta! Os Jovens nunca se importaram com você e nem comigo. Eles só se preocupavam em gargalhar alto o suficiente para perturbar a nossa paz.

VELHO – (*Diz baixinho*. Ainda chorando) Mentira... eles vão trazer as minhas gargalhadas. (*Fala mais alto e também em um tom agressivo*.) E quando eu conseguir gargalhar, eu irei gargalhar de você, meu limão mais azedo...

VELHA – E você se tornará como eles! Como os jovens, como Julieta, como Adauto... Um homem que ri de coisas que não é para se rir... (*Aponta para porta.)* Vai se transformar naquela gente.

VELHO – Com certeza você é uma coisa para se rir! Eu que não tenho talento para tal... Você me contaminou, mulher infeliz! Por sua culpa eu não consigo gargalhar!

VELHA – (*Grita muito agressiva*.) Você nunca gargalhou, asno! Se aqui existe um vírus, esse vírus é você!

Silêncio. O Velho começa a formar uma máscara facial de choro.

VELHA – E engula esse seu choro maldito!

O Velho desliga o abajur. Engole o choro. Silêncio.

VELHO – Nuca te vi rir... Nem mesmo quando um dos jovens nasceu... Nem te vi chorar... Quando eu dizia que o chá das tetas das vacas iria acalmar você e um dos jovens, era porque

você me dizia que chorava. Lembra que eu levava o chá com os olhos vendados? Eu tinha medo. Não queria te ver chorar... Isso geraria um sentimento de impotência em mim. Você não sabe o quanto é ruim isso para um homem. Eu iria me sentir uma mulherzinha. Mas eu não me sinto envergonhado em chorar em sua frente, pois choro por causa dos mesmos motivos, minha pimenta do Himalaia. Sei que chora pouco... e graças a Deus escondida... Por isso choro por nós dois... sem vergonha. Mas nunca me peça para ver você chorando... Seria a maior perversidade que poderiam me fazer. Gostaria sim, que gargalhasse para mim... em um passeio no jardim... Depois de um beijo no escurinho durante um filme do Mazzaropi. (*Pausa*.) Queria saber pilotar a motocicleta, para viajarmos pelo mundo ouvindo a música de sua gargalhada. Sinto-me muito culpado por você nunca mais ter gargalhado, minha flor. É culpa minha. Já tinha ouvido histórias de que o seu sorriso era o mais belo da Terra... do universo... até me conhecer. Tinha amaldiçoado você, minha flor... (*Faz cara de choro*.) Me desculpe. É por isso que seria demais para mim vê-la chorando... Quero morrer ciente de que nunca a vi chorar.

A Velha fica na janela ouvindo toda a lamentação do Velho de costas. O Velho bebe o que sobrou do chá de uma só vez. Esforça-se para se levantar. Coloca a xícara na mesinha. Volta a se sentar.

VELHA – Amanhã vamos buscar o chá tirado das tetas das vacas juntos.

VELHO – Não tem mais ciúmes das vacas?

VELHA – Nunca tive.

VELHO – Então eu irei... Dessa vez beberemos o chá juntos, não é?

VELHA – Não... Eu não posso beber o chá. Caso você durma eu vou ter que carregá-lo até aqui.

VELHO – Poderíamos fazer a viagem de volta cavalgando.

VELHA – Cavalgando em que cavalo, velho?

VELHO – Nenhum... Quem falou em cavalgar em cavalos?

VELHA – Cavalgaríamos como então?

VELHO – Em uma das vacas!

VELHA – E você guiaria?

VELHO – Ora... Claro que sim... O negócio é que teríamos que levar a vaca caridosa de volta para a sua casa.

VELHA – Genial, velho... genial...

VELHO – Eu sou!

Silêncio. *O Velho faz uma expressão como se estivesse fazendo força. Ele peida.*

VELHA – É melhor parar de tentar rir por si só. (*Pausa*.) Teremos que concertar a motocicleta. Não quero problemas com os Jovens quando eles chegarem.

VELHO – O que houve com a motocicleta?

VELHA – Eu tentei pilotá-la... Ela andou sozinha atropelou duas pessoas, bateu em uma carroça guiada por bezerros... Foi um estrago... Encontrou o seu fim trágico de frente para um poste...

VELHO – Onde vamos conseguir um mecânico?

VELHA – (*Olhando pela janela*.) Por aqui eu não sei realmente!

VELHO – Vamos ter problemas com os Jovens então, meu raio de sol em dia nublado.

VELHA – Tenho muita esperança que eles não voltem... Não pela motocicleta, pois para mim é muito bem feito... Não fiz por vingança, senti necessidade de usar já que tinham me falado que as vacas estavam bem mais longe. (*Olha para o Velho*.) Não quero que eles voltem, velho... e lhe digo que se eles voltam, voltam sem as suas gargalhadas. Para eles somente importa a gargalhada deles... Os Jovens nunca se preocupariam em buscar gargalhadas para você... (*Pausa*.) Tão pouco para mim...

VELHO – (*Vira-se para a Velha. Olha-a profundamente. Volta a olhar para a platéia*.) Não quer que eles voltem por medo!

VELHA – Eu não tenho medo de nada... Acha mesmo que eu teria medo dos Jovens? Eu vivi, velho! Nunca teria medo de uns moleques que não sabem ainda o que é o mundo.

VELHO – Você nunca teria medo dos Jovens. Minha ameixa seca, você tem medo da gargalhada! Tem medo de sorrir e gargalhar novamente... Ainda mais... Tem medo da filosofia dos Jovens, não deles.

VELHA – Esta falando asneiras!

VELHO – (*Vira-se em direção ao grande quadro ao fundo do palco*.) Você se lembra disso? É do tempo que você ainda era filósofa... (*Impressionado*.) Que incrível... Lembrei-me somente por lembrar que os Jovens sempre se lembram que a filosofia lembra a eles que o mundo é belo... (*Olha para a Velha que está a olhar o quadro também. A Velha está sisuda.)* Mas um motivo para eles serem tão felizes e risonhos, meu caramelo de repolho.

VELHA – (*Desvia o olhar*. *Caminha para frente*.) O que está dizendo...? Nunca fui filósofa!

VELHO – Todos me disseram que você era, minha flor! Por que você acha que eu casei com você?

VELHA – Pensei que era porque me amava.

VELHO – O amor veio depois... Eu queria que você me fizesse rir... Já tinha ouvido histórias sobre o seu sorriso e sobre a sua gargalhada... (*Em um tom profético*.) Seu sorriso era o mais

lindo do mundo, e sua gargalhada era a mais musical do mundo. Os Jovens são como você, meu chuchu frito.

VELHA – (*Grita agressiva.*) Não!

VELHO – (*Calmo*. *Respira*.) São sim!

VELHA – (*Impaciente*.) Está falando asneiras.

VELHO – Eu queria muito estar a falar besteiras e asneiras. Mas não estou falando.

VELHA – Não pode dizer que eles são parecidos comigo. Eles são parecidos com você!

VELHO – Não... eles puxaram a você, minha velha. Se puxassem a mim estariam viciados em chá tirado das tetas das vacas e tristes como postes agredidos por motocicletas. Eles têm pavor a isso.

Pausa

VELHA – (*Olha para o quadro novamente*.) Você sabe quem é ele?

VELHO – Eu nem sei quem são estes aí!

VELHA – Eu somente conheço uma pessoa neste quadro. Você!

VELHO – (*Ele olha para o quadro*.) Está gagá! Eu não sou esse aí... Eu era bem mais bonito... Bonito como o Mazzaropi!

VELHA – Você é a flor!

VELHO – (*Como se compreendesse*.) Hum... Verdade... Aquela pétala se parece muito com meu nariz. Quem pintou mesmo?

VELHA – Eu não sei... (*Vai até a janela. Olha para o lado de fora.*)

VELHO – Minha querida pipoca com pimenta do reino... Se você filosofasse, só para mim, eu encontraria o riso... Não pensa em mim, não?

VELHA – Cale-se... Quantas vezes tenho que dizer que rir é uma coisa ruim? (*Pausa*.) Os Jovens... O que são os Jovens? Filósofos? Nem aqui e nem em Além Norte! Filósofa era eu... Filósofa é uma criança que já sabe que o "porquê" tem um peso, uma importância antropológica, não os Jovens! (*Olha para o Velho*.) A filosofia não é um motivo para o riso e sim para um desespero... Faz você mergulhar em um abismo de incertezas. Isso me incomodava... Cansa, desanima. Não gostava disso. (*Desvia o olhar*.) Os Jovens estão em um começo, Velho, quando eles chegarem "no começo" a infelicidade para eles será inevitável.

VELHO – (*Surpreso*.) Isso é uma profecia?

VELHA – (*Olha agressiva para o Velho*.) Eu quero que seja. Quero que a gargalhada deles suma como a min... (*Para de falar repentinamente. Toma fôlego*.) Como... um coelho na cartola. Quero que caiam como folhas no outono.

Silêncio. A Velha volta a se sentar na cadeira de balanço que não balança. O Velho faz uma expressão como se estivesse fazendo força. Ele peida.

VELHO – (*Fala choroso*.) Falhei em minha tentativa.

Pausa.

VELHA – Amanhã vamos ter que sair muito cedo para buscar o chá...

VELHO – (*Se lembrando*.) Não podemos... Acabei de me lembrar. Não podemos buscar o chá tirado das tetas das vacas amanhã. O Adauto e a Julieta estarão aqui bem cedinho; vamos jogar gamão.

VELHA – Novamente?

VELHO – Ora... Eles não são filósofos, mas são pessoas divertidas... Caso os Jovens, como você diz, não venham... eles passam a ser uma garantia de riso. (*Desanimado*.) Eu espero...

VELHA – Você não desiste, não é velho?

VELHO – É a minha meta de vida.

VELHA – Não gosto deles... (*Pausa*.) Preferia ver você peidando em suas tentativas de riso. (*Pausa*.) E eles ainda me vêm com uma conversa de que somos amigos... Aquela mulher é uma miserável... Aquele homem um ser repugnante. Sem coração algum, nenhum dos dois.

VELHO – Eu lamento por pensar assim de nossos amigos.

VELHA – (*Impaciente*.) Eles não são meus amigos. E acredito muito que não são seus. Velho burro, eles só querem rir de você, de nós... Para eles tudo é riso. (*Inclina-se na direção do Velho e sussurra*.) Eles são piores que os Jovens... Estamos correndo perigo.

Quadro 2

É manhã. A campainha toca exaustivamente. O Velho está sozinho na sala, sentado em sua cadeira de balanço que não balança, com o seu abajur ligado, olhando em direção da porta de entrada. Parece estar calmo. A campainha continua tocando. A Velha aparecer na entrada do que seria a cozinha com uma cara de poucos amigos. Olha para o Velho. A campainha continua. O Velho olha para ela, depois volta o seu olhar para a porta de entrada. A Velha continua olhando para ele. Caminha até o Velho.

VELHA – Não vai abrir a porta?

VELHO – (*Olha para a Velha*.) Você não vai abrir?

VELHA – E se eu não abrir, velho preguiçoso? (*A campainha continua tocando*.)

VELHO – Nossos amigos estarão em apuros... A rua é sempre violenta.

VELHA – Está dizendo que se eu não abrir a porta ela continuará fechada para os "seus" amigos? Eles vão continuar lá fora?

VELHO – Mas eles vão continuar lá fora por culpa sua, meu fígado com tempero verde.

VELHA – (*Olha o Velho com desprezo*.) Você vai ficar um mês sem tomar o chá tirado das tetas das vacas! Somente assim você se move. Velho sedentário!

A Velha vai até a porta. Chega até a porta, coloca a mão na maçaneta e respira fundo. Abre a porta, e fica com uma cara de quem estranha. Ouve-se a gargalhada de Adauto e Julieta do lado de fora da casa.

ADAUTO – (*Ainda do lado e fora*.) Ora, não se assuste com isso, minha Senhora. Foi uma eventualidade.

JULIETA – (*Ainda do lado de fora. Gargalha levemente*.) Uma eventualidade. (*Gargalha mais alto.*)

VELHA – Não podem entrar aqui dessa forma.

O Velho tenta ver alguma coisa, ainda sentado em sua cadeira de balanço que não balança.

ADAUTO – Minha Senhora, não podemos ficar assim aqui fora também. Permita-me.

JULIETA – Permita-nos! (*Gargalha levemente.*)

VELHO – Mas o que foi, meu kiwi do Afeganistão?

ADAUTO – Bem, se nos deixar entrar... Podemos contar o sucedido.

JULIETA – (*Gargalha muito alto e escandalosamente*.) Podemos contar o sucedido. (*Os dois gargalham*.)

A Velha abre mais a porta dando espaço para o casal entrar. Adauto e Julieta entram completamente nus. Julieta com as mãos no sexo e nos seios. Adauto com as mãos no sexo. Os dois entram muito felizes.

VELHO – (*Assustado com o que vê*.) Mas como? Vieram jogar gamão sem roupa? Por acaso isso é alguma regra, amigo Adauto?

JULIETA – Ora, ora, ora, ora... Não, não, amigo. Foi um acaso, isso sim. Um acaso maravilhoso, esplêndido.

ADAUTO – Diria peculiar, querida... Ah... Foi emocionante. (*Os dois gargalham*.)

VELHA – Acaso?

ADAUTO – Ora sim...

JULIETA – Ora sim... (*Gargalha levemente*.)

ADAUTO e JULIETA – Fomos assaltados! (*Gritam e gargalham de felicidade*.)

O Velho e a Velha olham para isso tudo com estranheza. Adauto e Julieta gargalham freneticamente, esquecendo até mesmo de esconder os sexos e os seios. O Velho começa a chorar copiosamente, seu choro é alto e compete com as gargalhadas de Adauto e Julieta. A Velha dá as costas para casal, e vira o Velho de costas também, que ainda chora. Adauto e Julieta se dão conta da situação e protegem as suas intimidades.

JULIETA – Estamos nus, Adauto.

ADAUTO – É estamos. Não podemos ficar assim na casa de nossos amigos, meu raio de sol.

JULIETA – Verdade, amor meu, verdade.

VELHA – (*De costas*.) Não temos roupas para vocês.

JULIETA – Ora, não se incomode, querida, se não tem nós não nos importamos em ficar pelados. (*Olha para Adauto*.) Não é amor meu?

O Velho vai parando de chorar.

ADAUTO – Sim, sim... (*Dá um beijinho na boca de Julieta*. *Gargalham*.)

VELHO – (*De costas*. *Para a Velha*.) Meu nabo, podemos ceder as cortinas para nossos amigos.

VELHA – As minhas cortinas, Velho? Minhas cortinas não.

VELHO – Meu céu nublado, não podemos deixar nossos amigos pelados, com seus traseiros do lado de fora em nossa sala.

VELHA – (*Ainda de costas para o casal pelado*.) Ora, velho, vamos mandá-los embora então.

VELHO – Aí não teremos gamão hoje... Nada disso. Além do mais eles estariam pelados na rua, minha velha, que coisa má. As pessoas da rua iriam pensar que não temos coração.

VELHA – (*Muito contrariada*.) Velho idiota!

A Velha caminha até o fundo da sala. Tira o quadro com cuidado primeiramente. Depois tira as cortinas e entrega uma para Adauto e uma para Julieta. Eles vestem as cortinas. Depois a Velha volta e coloca o quadro novamente no lugar. A parede ao fundo tem 'duas janelas pintadas'. Em uma a paisagem é noite, em outra a paisagem é dia. O quadro fica entre as duas janelas pintadas.

ADAUTO – (*Rindo*.) Muito obrigado, amigos, não precisavam se incomodar.

JULIETA – Olha, amor meu, para essas cortinas, como são belas. Adorei essas rosas roxas, minha querida...

VELHA – Mas são minhas, portanto quando estiverem saindo, quero que as devolva.

VELHO – Mas eles ficariam pelados do mesmo jeito, meu pulmão de fumante.

A Velha se senta em sua cadeira de balanço que não balança. Está irritada.

VELHO – Mas então... Foram assaltados? Que coisa horrível... hedionda! Como foi isso, amigo Adauto?

ADAUTO – Ma-ra-vi-lho-so!

JULIETA – (*Gargalha*.) Ma-ra-vi-lho-so!

VELHO – (*Estranhando*.) Ah, é?

ADAUTO – Amigo, você não sabe o quanto é bom ser assaltado, e como isso é um grande motivo para se gargalhar... E gargalhar muito. (*Gargalha*.)

JULIETA – (*Ri levemente*.) Conte, amor meu, conte como foi que aconteceu essa coisa tão apoteótica.

ADAUTO – Eu irei! (*Toma ar*.) Amigo, você não sabe. Estávamos caminhando até aqui, até que fomos barrados por dois assaltantes. Eu disse 'dois' assaltantes. Eles nos pararam e disseram: Isso é um assalto! Então eu disse: Um assalto? Eles confirmaram: Um assalto! Eu explodi de felicidade, eu e Julieta. (*Gargalham*.) Gargalhamos, rolamos no chão de tanto rir. (*Pausa*.) Sabe o que é melhor? Os assaltantes também gargalharam muito conosco. (*Gargalham*.) Foi lindo... Ai, ai... Então eles nos disseram em meio a risos: Vamos, vamos... Nos passe tudo! Eu muito feliz e serelepe, passei a minha carteira. Mas eu não me controlei, passei tudo, meu black-tie, meu relógio de ouro, minha ceroula mongol; a Juju passou até uma coroa de diamantes que ela estava usando, que eu comprei no Malawi. (*Gargalham*.) Ai, ai... (*Fica sério*.) Mas alguma coisa me indignava, amigos. Então eu perguntei: Ora bolas, não vai ter tiros? Nenhunzinho? Nem mesmo no pé ou na mão? Não vai nos deixar aleijados? O outro assaltante disse muito tristonho: Somos pobres, estamos assaltando vocês para comprar armas e para assim atirar nas pessoas. Amigos, vocês não sabem como eu e Julieta ficamos felizes. Outras pessoas seriam contempladas com um assalto? Eu precisava ser mais assaltado ainda para essas pessoas serem agraciadas com isso. Então eu falei: "O nome do meu cão é Banqueiro", sem o tio, por favor. Eles estranharam. Então eu disse: Essa é a senha do nosso cofre... (*Fala em felicidade*.) Roube todo o nosso dinheiro! Juju então deu nosso endereço...

JULIETA – Ah... em Além Leste! (*Gargalha*.)

ADAUTO – Ai, ai... Como foi maravilhoso. Disse para eles irem para lá roubar tudo e ficarem com a nossa mansão. Disse: Comprem armas para atirar em nós. Eles gargalhavam muito. (*Gargalham*.) Eles disseram: Tudo bem! Agora corram! Dá próxima vez, quando passarem por

aqui, vamos terminar o assalto atirando em vocês! Nós corremos pelados e felizes da vida. Portanto, meu amigo, o gamão deve ser rápido, pois estamos com um compromisso inadiável.

ADAUTO e JULIETA – Vamos ser baleados! (*Gritam e gargalham escandalosamente*.)

O Velho olha para tudo isso com uma expressão de horror e choro. A Velha também não consegue conter o horror em sua face. O Velho faz cara de choro, mas tenta se controlar.

VELHO – (*Gaguejando e tentando prender o choro*.) Eu... lamen... lamento, amigo Ad...

ADAUTO – Ora, veja só, não lamente. Mesmo que o gamão seja rápido, vamos jogar intensamente.

VELHA – (*Agressiva*.) Não é isso que ele está lamentando, seu... seu... Como são estranhos vocês!

JULIETA – Ora, ora, ora, ora... Onde está o gamão? Temos que jogar logo, para assim gargalhar amigo e para irmos para o nosso compromisso.

VELHO – Mas eu pensei que vocês iriam trazer o gamão.

JULIETA – Mas como soube... Fomos assaltados! (*Adauto e Julieta gargalham*.)

VELHO – Eu não tenho gamão.

ADAUTO – Então fica difícil, amigo. Assim nunca gargalhará!

JULIETA – Não tem outro jogo aqui?

VELHO – As cartas! Mas teria que pegar as cadeiras e a mesa. (*Olha para a Velha*.)

VELHA – Não olhe para mim. Se quer jogar, jogue, mas não buscarei nada!

VELHO – Mas minha pêra congelada, como vamos jogar sem uma mesa?

ADAUTO – É... Como?

JULIETA – Sim... Como?

VELHA – (*Olha para Adauto e Julieta com agressividade*.) Já disse que não vou. Se quer jogar, velho, terá que ir buscar a mesa e as cadeiras.

VELHO – (*Assustado*. *Se prendendo a cadeira de balanço que não balança*.) Verdade?

VELHA – (*Olha para o Velho*.) Sim, é!

ADAUTO – Ora, meu amigo... Vamos. Isso não é nada demais. Vá!

VELHO – (*Se encolhendo na cadeira*.) Sim, eu vou!

O Velho faz esforço para de 'descolar' da cadeira. Demora alguns segundos. Levanta-se e caminha com dificuldade em direção a entrada da cozinha. Para e olha para traz. Caminha. Para e olha novamente. Caminha. Para e olha novamente. Caminha. Para e volta. A Velha se levanta e ameaça o Velho com o olhar.

VELHO – (*Com medo*.) Sim, eu vou!

O Velho caminha com dificuldades até a cozinha. Somente a Velha, Adauto e Julieta estão na sala. A Velha olha para eles com cara de poucos amigos. Adauto ri um pouco, depois para. A Velha tira a revista e o lápis do bolso. Começa a ater-se a revista.

JULIETA – Enquanto o nosso amigo vai buscar... hum... os móveis... Podemos conversar um pouco com a Senhora, e sobre o seu bom gosto com as cortinas. (*Vai em direção da cadeira de balanço do Velho e senta-se nela, mas logo sai.*) Ai!

ADAUTO – O que foi, meu raio de sol?

JULIETA – O acento está quente. Queimou o meu bumbum, amor meu! (*Analisa a cadeira. Aproxima-se mais e funga a cadeira.)* Meu Deus... e como fede essa cadeira!

VELHA – É melhor sair daí, vamos... Saia, mulher horrível!

ADAUTO – Oh, Julieta, não vamos desagradar a nossa amiga. (*Para a Velha*.) Ela não vai mais se sentar nessa cadeira fedorenta, não se preocupe. (*Gargalham*.)

JULIETA – Devia jogar conosco.

VELHA – Eu não gosto de jogos!

ADAUTO – Assim poderia rir... Sabe que gargalhar é uma coisa ótima?

VELHA – Eu não gosto de gargalhar, e não gosto de pessoas que gargalham!

JULIETA – Oh, amor meu... Ela nos detesta!

ADAUTO – (*Dissimilando um choro*.) Mas o que fizemos para essa mulher, meu Deus... O que?

JULIETA – (*Também dissimulando choro*.) Somos tão caridosos...

ADAUTO – Viemos aqui para fazer um casal gargalhar e o que recebemos em troca...?

JULIETA – Uma declaração de ódio!

A Velha olha com desprezo.

VELHA – Seres terríveis!

O Velho volta com uma cadeira nas costas. Anda com muita dificuldade. Adauto e Julieta olham e gargalham baixinho. Tentam prender a gargalhada.

VELHO – Esta cadeira é leve... uma pluma! (*Coloca a cadeira no chão*.) Pronto. Faltam duas e a mesa.

JULIETA – Isso, isso, vá buscar... todas! (*Ri*.)

VELHO – Sim, sim...

O Velho sai. Adauto e Julieta se entreolham. Os dois correm na direção da cadeira. Julieta chega à cadeira primeiro e se senta.

ADAUTO – Mulher dos infernos!

JULIETA – (*Gargalha*.) Eu sou! (*Olha para a Velha*.) Minha querida... então? Onde comprou essas cortinas tão belas?

VELHA – Eu não me lembro.

JULIETA – Foi há muito tempo então?

VELHA – Não foi há tanto tempo assim.

ADAUTO – Reparando agora, meu raio de sol, essas cortinas são mesmo belas. (*Adauto se senta na mesinha central.*)

VELHA – Mas já disse que são minhas e eu as quero de volta, ouviram?

ADAUTO – Oh... Claro. Não nos importaríamos em sair pelados na rua. Podemos ser presos! (*Adauto e Julieta gargalham*.)

JULIETA – (*Ainda gargalhando*.) Eu não me importaria, amor meu. (*Olha para o fundo, à esquerda*.) Olha, amor meu, livros! Ora, como livros podem estar assim, jogados no chão? A Senhora não os lê?

VELHA – Já li todos esses livros, se quer saber.

ADAUTO – (*Caminha em direção aos livros. Pega um livro*.) Hum... Meu raio de sol, são livros de gente instruída! Livros filosóficos.

VELHA – Se quiser podem levar todos.

ADAUTO – Mesmo? Mais um motivo para o riso, sabia? Devo falar isso a meu amigo. Ele tem a fonte da gargalhada e não sabe.

JULIETA – Não, amor meu... Soube que livros como este deixam as pessoas sem rir... Não, não... Na verdade agora sim sabemos o porquê que o nosso amigo não gargalha.

ADAUTO – Verdade? Mas sempre soube que a filosofia provocava a gargalhada... Achava-me até um filósofo sem estudos... Um gênio!

JULIETA – (*Amorosa*.) Oh, querido, mas não é, viu?! Filosofia é coisa má!

ADAUTO – Verdade, meu raio de sol?

JULIETA – Ora, ora, ora, ora, ora... Ora, sim!

Adauto solta o livro no chão apavorado.

ADAUTO – Não quero ser contaminado com a Lágrima!

VELHA – (*Olhando a platéia absorta*.) A Lágrima!

ADAUTO – Sim... A Lágrima! “A Terrível Lágrima!” Acho que o amigo está contaminado com a Lágrima!

O Velho entra com a segunda cadeira. Está arfando. Vem com ela nas costas e já parece estar cansado.

VELHO – (*Colocando a cadeira que trouxe a frente da outra*.) Duas! Agora faltam mais uma e a mesa! (*Olha para a Velha*.)

VELHA – Pode ir buscar. Não vou por você!

VELHO – (*Com cara de choro*.) Tudo bem, meu macarrão com purê de batatas sem leite. Só faltam uma cadeira e a mesa... Logo, logo termino. (*O Velho sai*.)

Adauto olha para o Velho saindo.

ADAUTO – Minha senhora... olhe para ele... Ele está contaminado pela Lágrima!

JULIETA – E por isso deve ser boazinha com ele, minha querida amiga.

ADAUTO – Ver formas de fazê-lo gargalhar.

VELHA – Eu não quero que ele gargalhe... (*Incomodada*.) E acho melhor os senhores irem embora.

ADAUTO – Já tentou uma piada?

JULIETA – Uma performace engraçada?

ADAUTO – Melhor... talvez um parque de diversões...

JULIETA – Não, não, amor meu... Um cemitério!

JULIETA e ADAUTO – (*Tendo uma idéia juntos*.) Um assalto! (*Gritam e gargalham*.)

VELHA – (*Grita agressiva*.) Não!

JULIETA – Ora, como não, minha querida. Ela precisa ser assaltada, amor meu, para que ela saiba o quanto é engraçado...

VELHA – (*Se afastando dos dois*.) Tudo isso não é coisa para se rir. E é melhor deixá-lo em paz... No fundo ele não quer gargalhar, mesmo esperando as gargalhadas que os Jovens vão trazer para ele...

JULIETA – Jovens?

ADAUTO – Jovens?

VELHA – Os Jovens! Prometeram a gargalhada para ele...

JULIETA – A gargalhada? Eles prometeram?

VELHA – Ele disse...

ADAUTO – Ele disse! (*Gargalha*.)

JULIETA – Os jovens que foram para Além Norte?

VELHA – Ora sim...

O Velho entra com a terceira cadeira. Eles interrompem a conversa.

VELHO – (*Se arrastando*.) Essa última cadeira é bastante pesada... Não é como a primeira. Uma cadeira é mais pesada que a outra e aí vai... (*Coloca a cadeira no chão*.) A mesa deve ser mais pesada ainda.

JULIETA – (*Em meio a risos*.) Vamos amigo! Só falta a mesa.

VELHO – Eu irei... Isto é uma missão! (*O Velho sai*.)

ADAUTO – (*Depois que o Velho sai*.) Os jovens que foram para Além Norte? Eles vão trazer gargalhadas?

VELHA – Por que pergunta?

ADAUTO – (*Sorri*.) Ora, por nada, só perguntei.

JULIETA – Os assaltantes, amor meu, eram tão jovens...

VELHA – Jovens? Como assim jovens?

JULIETA – Jovens, querida! Com pele lisinha e voz musical.

VELHA – Eles eram políticos?

ADAUTO – Isso é difícil... Todos lá fora são políticos, gargalham e mijam nos postes!

VELHA – É uma lástima!

JULIETA – (*Gargalhando*.) Não... É um fenômeno! (*Adauto e Julieta gargalham*.)

VELHA – Eles gargalhavam...?

ADAUTO – Mas é o que eles faziam de melhor. Eram pessoas muito inteligentes e risonhas... e afanadoras. (*Sorriem*.) Pessoas que tem um pensamento muito social... Devo dizer... Filantrópicas!

JULETA – Amor meu, não podemos demorar, aqui... Infelizmente temos um compromisso inadiável.

ADAUTO – Tem toda razão, Juju. Mas... deixar o amigo triste, meu raio de sol?

JULIETA – Ele já é triste, Adauto! (*Gargalham*.)

VELHA – Vocês vão ver os Jovens?

JULIETA – Não, querida, vamos ser baleados por eles!

VELHA – Pelos Jovens?

JULIETA – Não sei se são os mesmos jovens que você está pensando que é.

ADAUTO – Venha conosco então... Vai ser Ma-ra-vi-lho-so!

VELHA – Não... obrigado...

ADAUTO – (*Aponta para a sua própria cabeça.*) Eu quero ser baleado bem aqui... Eu quero aqui, ó!

JULIETA – Eu quero aqui! (*Abaixa cortina mostrando os seios*. *Olha para a Velha*. *Levanta a cortina*.) Desculpe, querida...

O Velho entra com a mesa nas costas. Não consegue se equilibrar e cai. Tenta se levantar, demora um pouco, mas consegue. A mesa está com as pernas para cima. O Velho cai novamente no meio do palco.

ADAUTO – (*Fala para o Velho caído com a mesa sobre ele*.) Sinto muito, amigo, mas não poderemos mais jogar cartas com você.

VELHO – (*Ainda caído e embaixo da mesa*.) Amigo Adauto... mas eu já trouxe tudo...

JULIETA – Mas temos um compromisso, lembra?

VELHO – Compromisso? Mas qual compromisso?

JULIETA – Ora, ora, ora, ora, ora e ora... O nosso compromisso, ora!

VELHA – (*Apreensiva*. *Sem olhar para Adauto e Julieta*.) Não querem passar a noite aqui? Não temos quartos, mas podem dormir na sala, depois pela manhã, podem procurar uma nova casa...

ADAUTO – Obrigado pela hospitalidade... (*Sussurra para Julieta*.) Vindo dela temos que agradecer instantaneamente... (*Olha para Velha*.) Mas obrigado. Agora que não temos nada, que somos pobres, tudo é mais azul! (*Adauto e Julieta gargalham*.)

VELHA – (*Agressiva*.) Então vão embora seus burros... Pessoas insuportáveis e ridículas! Vocês são dignos de pena... (*Grita*.) Fora! Fora!

Adauto e Julieta ficam ofendidos.

VELHO – (*Assustado*.) O que é isso, meu beiju de carne de rã? São nossos convidados! Não dêm atenção a ela, amigos, ela é assim, amarga...

VELHA – Cale-se, velho burro! (*O Velho se esconde embaixo da mesa*. *Ouve-se os soluços dele*.) Velho idiota e ingênuo! Não existe gargalhada, não existe a gargalhada que os Jovens vão trazer, ouviu! (*Olha para Adauto e Julieta*.) E quanto a vocês... (*Fala mais branda.)* Se não querem ficar, vão embora agora...!

JULIETA – Nunca fui tão ofendida em toda a minha vida, amor meu.

ADAUTO – Nem eu, Julieta... Nem mesmo quando nos confundiram com terroristas no Malawi!

VELHO – (*Chorando embaixo da mesa*.) Não... Não vão, não vão... Durmam aqui esta noite... Façam-me gargalhar...

ADAUTO – (*Em felicidade*.) Venha conosco, amigo...

VELHO – Não, isso não... (*Olha para a Velha, ainda chorando*.) Não deixe, minha flor... Você não tem coração?

VELHA – Eles não querem, meu velho... Eu tenho coração... mas todo coração humano se parece com uma mão fechada...

VELHO – Salve eles, minha flor...

JULIETA – Eles estão tristes, amor meu... Oh... Desculpe-nos, mas somos muito compromissados.

ADAUTO – Amigo... Temos que ir. Perdoe-me, mas temos que ir mesmo. Marcamos um dia... um gamãozinho, hã? (*Tira a cortina do corpo e joga no chão. Julieta também tira e joga no chão. Dá o braço a Julieta.*) Vamos, meu raio de sol. Até, amigos! A felicidade é curta como a vida de um “ephemeroptera”, por isso precisamos sempre procurar motivos para gargalhar, pois o efeito é rápido demais... Atezinho!

JULIETA – (*Gargalhando*.) Até, amigos... E novamente, as suas cortinas são lindas, querida, obrigado! (*Adauto e Julieta saem felizes e pelados*.)

O Velho corre até a porta. Fica um tempo olhando a rua. Fecha a porta e vai para a janela. A Velha se senta em sua cadeira de balanço. Parece estar cansada. Olha para a platéia tentando prender um choro. Ouve-se um barulho nos fundos. O Velho olha na direção da entrada da cozinha. Depois se ouve um som de motor de motocicleta velha que parece estar partindo. O Velho olha pela janela.

VELHO – Minha velha, são eles, os Jovens... Estão aqui na frente com Adauto e Julieta... E a motocicleta está ótima... Minha velha... está ouvindo? É a gargalhada deles, minha flor. (*Não se ouve nada*.) A música! Venha... venha pegar a sua gargalha, minha flor do...

O Velho interrompe a sua falação virando-se bruscamente, como se não quisesse ver algo. Ouve-se um som de tiro e logo em seguida um som de um corpo caindo no chão. Ouve-se a gargalhada de Julieta e em seguida outro tiro e outro som de um corpo caindo no chão. Logo em seguida ouvem-se "muitas gargalhadas", de centenas de pessoas, em um volume altíssimo ensurdecedoras. Elas vão diminuindo aos poucos até sumirem. A Velha, em sua cadeira de balanço que não balança, começa a fazer uma expressão de choro, ainda tímida. O Velho, ainda olhando para a platéia tem uma expressão de espanto, como se não acreditasse no que ouviu. O Velho abaixa a cabeça e caminha na direção de sua cadeira de balanço que não balança. Aproxima-se da Velha coloca as mãos nos olhos, como se não quisesse vê-la, e desliga o abajur dela, deixando somente o lado onde fica a sua cadeira de balanço iluminada. A Velha está na penumbra, o seu rosto não é visto. Ouve-se o som do choro da Velha.

VELHO – Ainda bem que está em casa, minha flor, pois a rua é sempre violenta. Estou feliz por estar em casa e não precisar chegar até aqui de bote. Pena que amanhã você terá que secar tudo... com as cortinas negras... Para regar as rosas roxas.

O Velho se senta na cadeira. Olha para a platéia durante um bom tempo. A Velha ainda chora.

VELHO – Para nós, o riso foi proibido. (*Desliga o seu abajur. Pano*.)

Salvador, 04 de Janeiro de 2010, casa de meus avós